



Mestra Expedita é saber ancestral que floresce em devoção. No terreiro de chão batido, fez da dança um altar vivo, onde cada fita colorida e cada passo cadenciado guardam a memória religiosa de sua comunidade.

Ao entoar “São Gonçalo vai, São Gonçalo vem”, sua voz atravessa o tempo e transforma devoção em arte, e gestos simples em eternidade.

É a fé que se manifesta no suor e no ritmo, costurando o sagrado e o profano em uma única trama de cultura popular. Enquanto houver quem cante e dance sob sua guia, seu legado continuará pulsando, garantindo que os costumes e tradições de ontem iluminem os passos de amanhã.

*Expedita Moreira dos Santos
Mestra da Dança ou função de São Gonçalo*

*São Gonçalo vai,
São Gonçalo vem.
São Gonçalo é meu,
não é de ninguém.*



Esses versos, simples e poderosos, são o eco de uma vida inteira dedicada à preservação da memória de um povo. No coração da Ibiapaba, região marcada pela herança de encontros e conflitos entre europeus e indígenas, nasceu uma menina que um dia se tornaria guardiã de uma devoção da religiosidade popular quase esquecida.

Expedita Moreira dos Santos veio ao mundo em 9 de outubro de 1939, no Sítio Croatá, zona rural de Tianguá. Filha do agricultor Antônio Moreira da Silva e de Dina Faustina Rocha, uma mulher de múltiplos talentos que atuava como costureira, parteira e benzedeira, Expedita herdou da mãe o sopro da cultura e o vigor da fé. Sob o teto de uma legítima cultora das tradições, ela cresceu compreendendo que o sagrado e o cotidiano caminham de mãos dadas.

A infância de Expedita foi tecida entre rezas, danças e ofícios comunitários. Aos oito anos, os pés já marcavam o ritmo da Função de São Gonçalo, onde a menina se deixava encantar pelo som da viola e pelo transe da devoção. Além da dança, sua identidade foi forjada no palco das manifestações populares, participando ativamente dos dramas e do reisado. Nessas vivências, ela não apenas aprendeu os passos e versos, mas

mergulhou na alma de um povo que molda sua identidade nas manifestações culturais.

Mas não era apenas a dança que lhe cabia. Seguindo os passos firmes da mãe, Expedita aprendeu o ofício de parteira. Ainda adolescente, suas mãos já auxiliavam no mistério do nascimento, ajudando a trazer novas vidas ao mundo com a sabedoria de quem entende o tempo da natureza. Sua dedicação ao próximo ganhou contornos técnicos sem perder a essência comunitária ao tornar-se agente de saúde. Tornou-se uma profunda conhecedora da multimistura – o poderoso suplemento à base de sementes e farelos que salvou gerações da desnutrição infantil. Como um elo inquebrável com sua ancestralidade, assumiu também o papel de rezadeira. Entre ramos de arruda e palavras de fé, ela passou a fortalecer o espírito da comunidade, curando males que a medicina dos homens nem sempre alcança. Expedita tornou-se, assim, um pilar de resistência e cuidado de cultura e fé em Tianguá.

Com a partida de Dona Dina, Expedita assumiu, quase por um chamado silencioso do destino, o seu maior legado: o de guardiã absoluta da Dança de São Gonçalo. A herança não veio em papéis, mas no pulsar do terreiro. Em sua memória e em sua fala, ela repete com a firmeza de quem protege um solo sagrado: “O terreiro de minha casa é do Gonçal. Não há mudança que mexa nele. Ele é do Gonçal.” (Mestra Expedita, 2026).

A Dança de São Gonçalo, introduzida no Brasil pelos jesuítas como ferramenta de catequese, fincando raízes profundas da tradição, no solo da Ibiapaba. Na localidade de Croatá, os

relatos orais narram um costume devocional que ecoa desde tempos imemoriais, preservando versos que mencionam a antiga tribo Cariré, catequizada ainda em 1607. É uma dança que carrega o DNA da formação do povo cearense.

Entretanto, apesar dessa densidade histórica e do valor cultural inestimável, a manifestação nunca encontrou o reconhecimento pleno das autoridades eclesásticas. E Com a franqueza característica dos sábios populares, Expedita lamenta o distanciamento da instituição: “É triste saber que a dança em devoção a Gonçal não é aceita pela Igreja. Ela só tem valor na comunidade, para as pessoas daqui.”

Contudo, essa resistência, longe de esmorecer sua vontade, serviu para forjar nela uma determinação ainda maior. Se a Igreja não abriu as portas, Expedita abriu o terreiro, garantindo que o santo e o povo continuassem a dançar e a viver em comunhão.

As memórias de Expedita guardam com nitidez o ano de 1952. Naquela época, ainda adolescente, ela sentia o chão tremer sob o ritmo da devoção. Contudo, após esse período, o silêncio se abateu sobre o terreiro e a dança, por décadas, pareceu adormecer. O interesse desvaneceu e a tradição ficou guardada apenas na memória daqueles que, como ela, recusavam-se a esquecer.

Foi somente em 2005 que esse sono profundo chegou ao fim. Através do Mapeamento Cultural do Município, realizado pelo Departamento de Cultura (Decult) de Tianguá, os olhos do poder público e da própria comunidade voltaram-se novamente para o

Sítio Croatá. O que era uma lembrança isolada foi reconhecido como um tesouro vivo. E veio o apoio e a intervenção do Instituto Lamparina e Ponto de Memória da Ibíapaba. Esse resgate institucional não apenas documentou a existência da manifestação, mas serviu como o combustível necessário para que Expedita revitalizasse a Dança de São Gonçalo. A partir dali, a guardiã entendeu que sua missão ganhava uma nova urgência: garantir que o silêncio de outrora jamais voltasse a calar o som da sua fé.

Sob a liderança de Expedita e com o suporte técnico necessário, o silêncio no Sítio Croatá deu lugar ao som do recomeço. Vinte e quatro mulheres da comunidade, unidas pelo mesmo propósito, decidiram que era hora de a Função de São Gonçalo voltar a ocupar seu espaço. Juntas, elas costuraram não apenas suas vestes, mas o próprio tecido da memória local. Devolveram ao terreiro o brilho das saias rodadas, o colorido dos arcos enfeitados, o altar, a força inabalável da fé. da fé, e o eco dos cânticos ancestrais que o tempo não conseguiu apagar.

Nesse renascimento, Expedita assumiu seu lugar de direito: o de Mariposa. Como a guia da dança, ela é aquela que marca o compasso, que orienta os passos e conduz o grupo em direção ao sagrado. Sob o seu comando, a tradição deixou de ser uma lembrança estática para se tornar um corpo vivo em movimento. Com um olhar que atravessa as décadas, Expedita recorda com nostalgia e com a autoridade de quem guardou o segredo por uma vida inteira, ela reafirma: “Eu mesma dancei em 1952”. O desabafo revela, que durante décadas, o silêncio predominou e a poeira do esquecimento ameaçou cobrir o terreiro; mas a voz e a

memória de Expedita foram o sopro necessário para reacender a chama. Porque para ela, A função de São Gonçalo é mais do que dança, é ritual.

Nada acontece de forma isolada; o ato votivo é um fenômeno que mobiliza toda a comunidade. Crianças e jovens percorrem as casas da vizinhança arrecadando oferendas que, posteriormente, serão leiloadas. São eles também os guardiões da estética do festejo: ornamentam o altar, organizam a mesa do leilão e montam a tradicional igrejinha de papelão, além da emblemática penca de São Gonçalo, composta por frutas como laranjas, bananas e abacaxis.

Enquanto isso, as mulheres assumem a hospitalidade, preparando e servindo o banquete coletivo gratuitamente aos presentes. No epicentro do ritual está a Mestra Expedita. Responsável pela condução da manifestação, ela marca o ritmo dos movimentos, entoa os versos ancestrais e guia o grupo em direção ao altar para o momento solene da bênção e do beijamento da imagem do santo.

Os tocadores sustentam o vigor do ritual com batidas e melodias vibrantes. Ao lado deles, a figura da Mariposa exerce um papel duplo: além de guiar a coreografia, ela confecciona os figurinos que remetem aos trajes portugueses, porém adaptados à identidade rural. São saias longas, blusas de mangas compridas com decotes rentes ao pescoço e chapéus adornados por fitas coloridas. No final, a simplicidade se transmuta em beleza, revelando que a verdadeira sofisticação reside na devoção que veste cada detalhe.

O terreiro de chão batido ganha vida e cor sob o tremular de bandeiras e fitas. No coração desse espaço, ergue-se o altar adornado por um arco florido, barquinhos de papel de seda, a igrejinha de papelão e as oferendas colhidas ao longo do dia. Ali, onde o sagrado e o profano se abraçam, o povo se reúne não apenas para a coreografia, mas para o exercício da convivência e o compartilhamento da fé.

A dança é a materialização de reverências e atos de fé. Cada movimento carrega um simbolismo profundo: o posicionar-se frente a frente, o girar em roda, o sapateado ritmado pelos versos e o sacrifício de caminhar de joelhos até o altar traduzem um respeito absoluto ao sagrado. No ápice desse rito, o devoto prostrasse diante da imagem e beija a fita que a envolve, selando um compromisso espiritual inabalável. Ao final, a fronteira entre o rito e a celebração se dissolve; a plateia é convidada a formar pares, replicando o gesto de devoção coletiva e transformando o espaço em um território de comunhão.

No auge da festividade, o rigor do ritmo cede lugar à fraternidade. A interrupção para a "janta" oferece o merecido descanso aos dançarinos, aos tocadores e à Mariposa. Enquanto iguarias típicas são servidas, o sagrado e o profano se abraçam, e a plateia mistura-se aos brincantes em um momento de absoluta proximidade. A energia se renova logo após com o leilão – um episódio de alegria vibrante onde a solidariedade se manifesta de forma concreta. Como bem define a Mestra Expedita: “As pessoas mais abastadas arrematam as prendas e as oferecem aos mais simples”.

O ciclo de devoção se completa, portanto, na partilha: o que foi colhido da comunidade retorna a ela transformado em alimento, festa e amparo mútuo. Assim, a tradição se sustenta não apenas como expressão de fé, mas como um ato político de resistência e solidariedade. A Dança de São Gonçalo resiste ao tempo; herdada de rituais europeus e recriada no solo fértil do Brasil, ela preserva gestos ancestrais enquanto cumpre uma função social vital. Ao fortalecer vínculos e manter vivas as memórias coletivas, o grupo reafirma sua importância histórica, reconhecimento este chancelado pelo Ministério da Cultura, que destaca a iniciativa como um pilar exemplar da identidade brasileira.

No contexto da tradição, a trajetória de Mestra Expedita foi consagrada como Tesouro Vivo, um título que reconhece sua persistência na salvaguarda da tradição. Essa titulação transformou seu cotidiano, trazendo reconhecimento e abrindo portas para festivais e intercâmbios, como o encontro Mestres do Mundo. Mais do que prêmios, a certificação permitiu que ela ocupasse escolas e oficinas, conectando seus saberes ancestrais às novas gerações.

Com orgulho, Expedita afirma que o reconhecimento institucional foi uma arma contra o preconceito, dando visibilidade e voz ao grupo. Sob o respeito e a admiração do povo de Tianguá, ela ocupa o lugar central que lhe cabe na identidade da cidade. Sua vida comprova que ser Mestra não é apenas um título, mas a consagração de uma mulher simples detentora de um notório saber. Ela retirou do anonimato a força de uma dança e garantiu que o culto a São Gonçalo transcendesse a

devoção para se tornar patrimônio imaterial do Brasil.

Hoje, Aos 86 anos, a Mestra contempla o terreiro com a serenidade de quem cumpriu sua missão. A nostalgia de quando era apenas uma menina assistindo aos mais velhos agora se funde ao orgulho de ver a chama acesa. A tradição já não é mais uma vaga lembrança de infância, mas uma realidade que pulsa sob o céu da Ibiapaba. Com a autoridade de quem atravessou décadas de silêncio para manter o rito vivo, ela reafirma: “Hoje me sinto valorizada, importante, mestra”. O que antes era resistência solitária transformou-se em um legado vibrante, provando que, enquanto houver uma voz disposta a cantar, a dança, a cultura de um povo jamais conhecerá o fim.